

DOSSIÊ: GÊNERO EM FOCO: MASCULINIDADES E FEMINILIDADES COMO CATEGORIAS RELACIONAIS

DOSSIER: GENDER IN FOCUS: MASCULINITIES AND FEMININITIES AS RELATIONAL CATEGORIES

Estudos têm indicado transformações nos modos de ver, entender e performar masculinidades e feminilidades na sociedade hodierna. Isso se deve a ruptura de padrões impostos historicamente pela cultura de dominação masculina, resultante de mudanças sociais multifatoriais, com significativa contribuição de movimentos feministas. Por conseguinte, homens e mulheres não possuem mais uma identidade única e fixada por papéis sociais dicotômicos de gênero, e muito menos configuram a única possibilidade de par afetivo. Essa transformação das identidades de gênero teria possibilitado a criação de outros gêneros e novas sexualidades (Jardim, 2019).

Inspirados pela produção feminista, estudos avançaram significativamente nas questões do gênero feminino, mapeando seus principais desafios e contribuindo para alterações concretas nas posições ocupadas pelas mulheres na sociedade (Hirata, 2009). Igualmente pesquisas recentes apontam um viés de gênero no consumo de psicotrópicos, sendo as mulheres mais propensas à prescrição de psicotrópicos, em particular antidepressivos e ansiolíticos (Mazon et al, 2023). Por outro lado, o debate sobre masculinidade, apesar de avanços – estudos sobre paternidade, prisão, emoções, saúde mental - ainda está em construção nos estudos acadêmicos.

Ging (2017) informa que a partir dos anos de 1960, os homens começaram a adentrar os estudos de gênero, produzindo estudos para além de uma perspectiva do homem enquanto opressor universal. Esses estudos acompanharam a década de 1980, marcada pelo suposto surgimento de uma crise da masculinidade ou, crise na virilidade, algo correlacionado com o que Pelúcio (2013) chamou de “subversões na definição das identidades sexuais”, com a insurgência de diversos movimento sociais questionando os padrões normativos.

Dossiê – Gênero em foco: masculinidades e feminilidades como categorias relacionais – Maria Jardim; Márcia Mazon – p. 1-6

Contudo, apesar das inegáveis mudanças nos papéis de gênero, especialmente a liderança de mulheres nos espaços empresarial e político, assim como seu protagonismo nas práticas afetivas, sexuais e na definição de vivenciar ou não a maternidade, a realidade empírica ainda se molda a partir da cultura de dominação masculina, o que fica evidente quando analisamos os altos índices de feminicídios no Brasil. Portanto, o lugar desse dossiê é colocar em tela a discussão sobre gênero, dando protagonismo ao debate sobre masculinidades.

Nesse sentido, o dossiê surge da necessidade de examinar as masculinidades não como essências biológicas ou papéis sociais fixos, mas como construções históricas, relacionais e atravessadas por dinâmicas de poder e em relação direta com o debate já tradicional de gênero. Falar em *masculinidades*, no plural, implica reconhecer a coexistência de múltiplos modos de vivenciar a condição masculina — arranjos que são constantemente negociados, hierarquizados e tensionados por marcadores sociais da diferença como raça, classe, geração, sexualidade e territorialidade.

No cenário contemporâneo, a discussão sobre as masculinidades ganha contornos de urgência. De um lado, assistimos à emergência de novas práticas e discursos sobre o cuidado, a paternidade afetiva, a saúde mental e a desconstrução da invulnerabilidade viril. De outro, observamos reações neoconservadoras que reativam ideais hegemônicos de virilidade como resposta às transformações nas relações gênero, ao mesmo tempo que os índices de feminicídio e infanticídio crescem.

Os artigos reunidos nesse dossiê oferecem um panorama diversificado dessa agenda de pesquisa, trazendo contribuições empíricas e teóricas que enfrentam esses dilemas a partir da contribuição de diferentes frentes da sociologia e da antropologia.

O primeiro artigo, *A política da misoginia: da regulação íntima à radicalização digital das*, autoras Larissa Pelúcio e Bruna Camilo, examina a misoginia como operador relacional constitutivo das relações de gênero na contemporaneidade, tomando como fio condutor o caso do assassinato de Ângela Diniz, em 1976. O texto defende que a persistência da misoginia responde ao enfraquecimento de privilégios masculinos historicamente naturalizados, adquirindo novas escalas e velocidades de difusão no ambiente digital.

Em seguida, apresentamos o texto *O “novo homem” no espelho do mercado? Masculinidades híbridas, autocuidado e consumo na publicidade de cosméticos*, de Karina Gomes de Assis, o qual analisa os sentidos atribuídos à masculinidade, ao autocuidado, à sensibilidade e ao consumo em campanhas brasileiras de cosméticos dirigidas prioritariamente ao público masculino, examinando os recursos verbais, visuais e narrativos mobilizados na construção de modelos culturalmente reconhecíveis de masculinidade. Os autores concluem que as campanhas não anunciam a substituição de uma masculinidade convencional por um “novo homem”, mas incorporam novos repertórios sem eliminar princípios tradicionais de reconhecimento e hierarquização.

Entre o gosto legítimo e a mulher ardilosa: classificações de gênero em um curso de sedução, é o texto de Maria Chaves Jardim em parceria com Marcelo da Silva Junior. Nesse artigo, os autores analisam as classificações de gênero difundidas por um curso de sedução masculina oferecido no YouTube e em uma plataforma privada, identificando as crenças sobre masculino e feminino que esses espaços ditos pedagógicos distribuem aos seus alunos. O argumento central é que o curso organiza uma oposição moral entre o “homem conquistador”, representado como ativo, experiente e valioso, e a “mulher ardilosa”, definida como aquela que possui uma falha moral, já que recusa ou frustra expectativas masculinas e, portanto, é descrita como manipuladora, infiel e responsável pelo sofrimento masculino.

A hipermasculinidade dos super-heróis e o (curto) circuito da violência: análise da prática cosplay por pessoas queer e Guilherme “Smee” Sfredo Miorando e Adriano Beiras, analisa como narrativas de super-heróis produzem e reforçam modelos de hipermasculinidade que articulam corpo, dor e violência como tecnologias de gênero. Os autores demonstram que a masculinidade hegemônica opera por meio da performatividade, da abjeção e da reificação, convertendo o corpo masculino em objeto de disciplina, prova e espetáculo. Contudo, ao analisar relatos de cosplays gays, o estudo revela a possibilidade de um curto-circuito nesse sistema: ao se apropriarem da estética hiper masculina, esses sujeitos desestabilizam sua função disciplinar e expõem a artificialidade da norma, abrindo espaço para formas alternativas de viver o gênero e rompendo o circuito da violência.

Dossiê – Gênero em foco: masculinidades e feminilidades como categorias relacionais – Maria Jardim; Márcia Mazon – p. 1-6

A Ilusivo da liberdade afetiva: poliamor, amor romântico e classificações relacionais de gênero, de Pedro Henrique de Araújo e Lucas Flores Vasques, analisa como feminilidades e masculinidades são produzidas, hierarquizadas e reclassificadas em discursos de adeptos do poliamor. Com base em pesquisa de campo, o texto examina a tensão entre a crítica poliamorista ao amor romântico e a permanência de disposições generificadas na organização do desejo, do ciúme, da responsabilidade afetiva e do reconhecimento. O texto conclui que o poliamor desloca a moral da fidelidade sexual para uma moral da comunicação, da negociação e da transparência, mas não elimina automaticamente as classificações androcêntricas que autorizam de modo desigual o desejo múltiplo masculino e feminino.

O corpo feminino como campo de disputa: religião, masculinidade e autonomia reprodutiva, de Hillary Reatto Souza e Thaís Caetano de Souza, estuda as transformações político-institucionais ocorridas nas disputas sobre aborto e autonomia reprodutiva durante os governos de Dilma Rousseff, Michel Temer e Jair Bolsonaro, entre 2013 e 2022. O texto argumenta que, por meio de leis, atos, projetos de lei e nomeações, os agentes envolvidos nas disputas produzem e legitimam dispositivos que reforçam hierarquias de gênero e limitam a autonomia reprodutiva. Os resultados indicam que, enquanto as iniciativas do período Dilma apresentam a mulher como sujeito de direitos, nas proposições posteriores o nascituro é construído como sujeito vulnerável, e a mulher é reposicionada como mãe, corpo gestante ou pessoa cuja decisão pode ser subordinada à autoridade de terceiros.

O “dinheiro da casa” visita a prisão: gênero, circuitos econômicos e moralidades nas visitas prisionais, das autoras Thamires Luz Chikadze e Marcia da Silva Mazon analisa, a partir da experiência de mulheres visitantes de homens presos no complexo penitenciário de Lavínia/SP, as concepções e negociações em torno da família e do universo doméstico. As autoras demonstram que as práticas e as tarefas socialmente atribuídas ao feminino se tornam estratégias de relacionamento e de reprodução do espaço doméstico intramuros, revelando tensões entre dominação, violência de gênero e resistência. O artigo permite pensar a prisão a partir da tensão entre seu fechamento institucional e sua porosidade social marcada por relações de gênero.

Dossiê – Gênero em foco: masculinidades e feminilidades como categorias relacionais – Maria Jardim; Márcia Mazon – p. 1-6

Por fim, temos o texto *A individualização contemporânea à luz do gênero: análise da série Fleabag*, de Túlio Cunha Rossi, o qual analisa a premiada série de comédia dramática *Fleabag*, combinando a perspectiva de tecnologia de gênero (Lauretis) à sociologia fílmica de Pierre Sorlin, enfatizando as relações construídas em tela enquanto expressões ideológicas acerca de gêneros. A partir de variadas contribuições de autoras feministas, destacam-se na análise as relações entre a cultura midiática no século XXI, feminismos e neoliberalismo (McRobbie, Fraser), discutem-se as tensões e impasses nas construções de gênero como pessoais, políticas e relacionais. Assim, ganham relevo os questionamentos suscitados pela protagonista sobre sua trajetória e vivências individuais enquanto feminista, relativas às suas relações sexuais, afetivas e familiares.

O Dossiê traz, ainda, uma instigante entrevista, concedida pela pesquisadora Maria Carlotto, da Universidade Federal do ABC. Referência inquestionável no debate sobre ciência e gênero no Brasil, a pesquisadora foi levada, por suas pesquisas empíricas, a estudar a o tema masculinidade.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura e esperamos que as pesquisas aqui apresentadas contribuam para adensar os debates sociológicos e antropológicos e sobre o tema, oferecendo subsídios tanto para o avanço teórico quanto para a formulação de políticas públicas voltadas à equidade de gênero.

Maria Jardim¹ e Márcia Mazon²

¹ É Professora Livre Docente do Departamento de Ciências Sociais da UNESP de Araraquara e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FCLar. É a Editora Chefe da Revista Estudos de Sociologia da UNESP de Araraquara. É Bolsista Produtividade no CNPQ e líder do NESPOM-UNESP (Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Sociedade, Emoções, Poder, Organização e Mercado) e colabora com o Núcleo de Sociologia Econômica e das Finanças (NESEFI) da UFSCar. E-mail: maria.jardim@unesp.br

² Docente e pesquisadora associada ao Departamento de Sociologia e Ciência Política e ao PPGSP; vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH), ambos da UFSC. Líder do NUSEC. E-mail: marciadasilvamazon@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-2953-1089.

REFERÊNCIAS

BEIRAS, A., NASCIMENTO, M., & INCROCCI, C. Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n.1, 2019, p. 262-274, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOTTON, F.B. As Masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, Curitiba, n. 19-20, 2007.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. **Gender & Society**, v. 19, n. 6, p. 829–859, 2015.

GING, Debbie. Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere. **Men and Masculinities**, p. 1-20, 2017.

HIRATA, H. (Org.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. 1. ed. São Paulo: Ed UNESP, 2009. 342p.

JARDIM, M. C. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 18, n.43, set.-dez. 2019.

KIMMEL, Michael. **Manhood in America: a cultural history**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2006.

PELÚCIO, L. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea**, v. 6, n. 2 p. 309-333, jul.– dez. 2016.